UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Adriana de Souza

A IMPORTANCIA DA ORALIDADE COMO FONTE HISTÓRICA NA ÁFRICA

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Fernanda do Nascimento Thomaz.

Juiz de Fora
2017

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **ADRIANA DE SOUZA** , acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201372187A , declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A IMPORTANCIA DA ORALIDADE COMO FONTE HISTÓRICA NA ÁFRICA**, desenvolvido durante o período de 04/04/2016 a 01/02/2017 sob a orientação de Dra. Fernanda do Nascimento Thomaz, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção cientifica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 06 de fevereiro de 2017.

_____

Adriana de Souza

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de ( ) 1 ano, ou ( ) 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

A ORALIDADE COMO FONTE HISTÓRICA NA ÁFRICA

Adriana de Souza [1]

RESUMO

Este trabalho buscará, através das tradições orais africanas, compreender e percorrer como a tradição oral se faz presente na África além de traçar um caminho para ser reconhecida como uma fonte legitima de pesquisa.Como metodologia para desenvolver o presente trabalho, dialogando sobre o assunto Oralidade, foram utilizadas duas narrativas: As obras "*Amkoullel: o menino fula*" de Amadou Hampâté Bâ e *Sundjata:epopeia* mandinga de Djibril Tamsir Niane. Abordará como as sociedades africanas da região do Mali se organizam em torno de sua cultura, e como a tradição oral está presente nos ensinamentos de seu povo. O presente trabalho também mostrará a classificação dos detentores da palavra dentro desta cultura, os chamados *griots*, e suas classificações dentro desta sociedade, levando em conta o seu grau de influência dentro da mesma.

PALAVRAS-CHAVE: oralidade, escrita, conhecimento.

ABSTRACT

This work will seek, through the oral traditions of Africa, to understand and explore how the oral tradition is present in Africa and to draw a path to be recognized as a legitimate source of research. As a methodology to develop the present work, dialoguing on the subject Orality , Two narratives were used: The works "Amkoullel: the boy fula" by Amadou Hampâté Bâ and Sundjata: Mandinga epic of Djibril Tamsir Niane. It will address how African societies in the Mali region organize around their culture, and how oral tradition is present in the teachings of their people. The present work will also show the classification of the word holders within this culture, the so-called griots, and their classifications within this society, taking into account their degree of influence within it.
KEYWORDS: orality, writing, knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa da obra Amkoullel , menino fula 7

Figura 2 – Capa da obra Sundiata ou Epopéia Mandinga 7

Figura 3 – Mapa da região do Mali e Guiné.....11

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo mostrar como a oralidade tem um papel importante na história de um povo. Para isso, foram sugeridas obras de dois autores, onde cada um no seu estilo conta como sua sociedade lida com a oralidade e a legitimidade desta palavra. Ao realizar este trabalho, a intensão foi mostrar como a oralidade era importante em algumas regiões do Mali e na Guiné. As literaturas que foram apreciadas como base se tratam de uma transcrição e a outra de um relato, pode-se notar que a cultura recebeu grandes influencias da oralidade, pois ela possuía um lugar de destaque dentro destas sociedades.

Podemos ver que esta influência atingia em todos os aspectos, desde o nascer de uma criança até quando se tomava grandes decisões que englobavam a todos dentro de suas comunidades, chegando até as

[1] Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: xu.drica@yahoo.com.br. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Profa. Dra. Fernanda do Nascimento Thomaz.

decisões políticas e econômicas. Segundo J.Vansina (1981), as civilizações africanas que ficavam localizadas no deserto Saara na parte sul eram completamente comprometidas com a oralidade, pois a escrita não existia. De acordo com o autor J.Vansina (1981,p.140), a oralidade além do convívio diário, resguardava a sabedoria dos seus ancestrais.

A primeira obra foi *Sundjata ou Epopeia Mandinga*, que originou-se de uma transcrição feita pelo autor Djibril Tamsir Niane, a partir de relatos recolhidos em seus estudos em aldeias na Guiné. O autor nasceu em Conakry em Guiné, na África, em 1932, muito conhecido por escrever diversas literaturas que falam sobre as tradições orais que ocorreram na África, estudou história na Universidade de Bordeaux, na França, e obteve grande título de estudo especializado sobre a história antiga da África na Universidade de Dakar.

A obra *Sundjata, Epopeia Mandinga*, surgiu depois de Niane realizar pesquisas relacionadas com o Império Mali, onde teve grandes contatos com os *griots* nas diversas aldeias em especial com o Mestre Djeli Mamadu Kuyatê, conhecedor da tradição oral que veio de uma família de transmissores da Palavra, eram considerados responsáveis pela história Oral de seus ancestrais no Mandinga.

Seus estudos têm como foco a história da África a partir dos *griots*, contada nas aldeias, carregadas de tradição. Intensifica assim seu trabalho, nos povos do Mali e da Guiné com influência muçulmana que faziam grandes viagens em direção a meca, resgatando então o herói que é o protagonista desta narrativa épica. NIANE(1982,p.7), Em sua obra transcreve a partir do relato de um *griot*, "(...)que para entender melhor a memória coletiva desse povo, teve que percorrer toda a região Mandinga onde foi através destas viagens então, que adquiriu conhecimento com outros detentores da palavra (...) ", outros *griots* e domas, que serão citados mais à frente no texto com maior atenção.

A segunda obra literária deste trabalho foi *Amkoullel, o menino fula* do autor Amadou Hampâté Bâ. Esta narrativa que traz a sensação de estar realmente vivendo as aventuras junto com o menino fula[2]. Amandou Hampâté Bâ, nasceu por volta de 1901, na cidade de Bandiara na região do Mali, em África, nasceu de uma família conceituada, Amadou Hampâté Bâ faleceu no dia 15 de maio de 1991, na cidade de Abidjan na Costa do Marfim.

Sua obra é uma autobiografia que, além de transcrever a oralidade para a escrita de uma forma espetacular, ela aborda ainda os detalhes do cotidiano de seu povo.Com uma memória invejável, conseguiu recolher e produzir um trabalho extenso e com grande conteúdo cultural africano. O autor que era conhecido por ser um grande viajante recolhia dados por seu caminho aumentando assim o seu conhecimento sobre seu povo.

Sendo de uma família aristocrática fulani, Amandou fez cursos sob a administração Colonial francesa, onde ao adquirir seus diplomas, ocupou cargos administrativos, mas sempre com a preocupação de recolher narrativas de seu povo. Seu texto, mostra um cotidiano que é desconhecido para muitas culturas, de uma forma simples e clara abordando muitas características destas comunidades africanas.

Sua obra dá voz a memória e a cultura dos povos africanos da região do Mali, mostrando os vários caminhos que a oralidade percorre. A obra de *Amkolleu, o menino fula*, narra as memórias do próprio Amandou Hampâté Bâ, e os caminhos que percorreu desde criança até tornar-se um homem. Ele conta sua trajetória de forma poética, sobre o cotidiano das sociedades africanas.

2. SOBRE A ORALIDADE NAS DUAS OBRAS

As obras ao serem analisadas podem-se perceber que mesmo se tratando de estilos diferentes de narrativas, sendo que uma é uma transcrição de um relato de um *griot*, e a outra uma autobiografia, ambas ainda podem se interligar sobre um mesmo assunto: a oralidade dentro destas sociedades distintas.

---

[2] Os fulas, cuja origem apresenta algumas dúvidas, é um povo com 80% de pastores nômades, com um pequeno grupo de sedentários, localizados em distintos países do Sahel, do Chade até o Senegal. Adotam diferentes nomes: sokoto, macina, kano-bororro. Etnicamente são diferentes de outros povos africanos; são de pele mais clara e nariz mais reto. Aliam-se aos negros sedentários, de cuja mescla com os sereres originaram os tucolores, os futandés e os toronkes, importantes grupos do vale do Senegal. Disponível em: http://www.pmibrasil.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=141&Itemid=110 Acesso em 01/02/2017

A oralidade nestes dois trabalhos literários aparece de forma marcante através de sua cultura e como meio de adquirir conhecimento a partir dos anciãos das aldeias e de seus ancestrais. As histórias se passam na savana africana em um território do antigo Banfur, onde se refere ao Mali e na Guiné. Os textos trazem como estas sociedades tradicionais se organizavam. Mostram também a influência da religião muçulmana dentro desta cultura, e que mesmo com a introdução da escrita a oralidade permanecia como uma forma de passar o conhecimento de seus antepassados.

A família e o respeito entre os parentes nestas sociedades têm grande importância e é bem marcado no texto de ambos os autores, assim como a memória de seus ancestrais. Sendo assim a origem e a sua formação são levados em grande conta, pois estão ligados a responsabilidades dentro destas sociedades. Podemos ver isso quando o autor Amadou Hampâté Bâ fala em sua obra de *Amkoullel:*

> Na África o indivíduo é inseparável de sua linhagem, que continua a viver através dele e da qual ele é apenas um prolongamento. É por isso que, quando desejamos saudar alguém, o saudamos chamando-o repetidas vezes, não por seu nome próprio, que corresponderia no ocidente ao nome de batismo, mas pelo nome do seu clã[...] (Hampâté Bâ,2013, p.20)

A oralidade então é abordada nestas sociedades africanas relacionando-as com o conhecimento, a honra e a experiência. Todas estas características estão interligadas. As narrativas têm a questão da honra relacionada com a dignidade dentro destas sociedades africanas. Para Hampâté Bâ (2013, p.61), em *Amkoulleu* "[...] ele atribui a sua palavra a um valor religioso para não dizer supersticioso. Para ele mentir ou se desdizer, não era só marca da covardia indigna, mas pecado grave contra a lei divina".

Observa-se que nestas sociedades africanas tradicionais citadas nas narrativas elas tomavam decisões, adquiriam conhecimentos através dos conselhos, onde eram reunidas as pessoas mais influentes as mais velhas e experientes também, que passavam suas práticas adquiridas ao longo do tempo.

Os dois autores em suas narrativas abordam a cultura e a organização política e social da savana africana, território do antigo Bafur, e ao território a que se refere ao Mali. De um modo peculiar, escrevem como é o cotidiano, é onde ambos os autores dão voz aos povos e a suas histórias. Amadou Hampâté Bâ e Djibril Tamsir Niane, a partir de seus textos conseguem abordar como se constituem estas sociedades africanas tradicionais.

Os dois autores abordaram em seus textos a influência muçulmana dentro destas culturas, sendo introduzida nestas sociedades. A oralidade continuou tendo grande importância, conservando assim as tradições africanas.

O meio familiar tem grande importância, estas sociedades mostram um grande respeito pelos seus parentes e ancestrais. A origem e sua formação tem um valor muito importante e está relacionado com grandes responsabilidades dentro destas sociedades, Hampâté Bâ (2013, p.20), demonstra isso em seu livro *Amkoulleu:*

> Na África o indivíduo é inseparável de sua linhagem, que continua a viver através dele e da qual ele é apenas um prolongamento. É por isso que, quando desejamos saudar alguém, o saudamos chamando-o repetidas vezes, não por seu nome próprio, que corresponderia no ocidente ao nome de batismo, mas pelo nome de seu clã [...]

A palavra, segundo os autores destas narrativas literárias, nestas sociedades africanas é abordadas relacionando-a com o saber, o conhecimento e a honra. Quando uma pessoa honra sua palavra é um sinal nas sociedades africanas de grande dignidade. Para Hampâté Bâ (2013, p.61), em *Amkoullel*, "[...] ele atribui a sua palavra valor religioso, para não dizer supersticioso. Para ele, mentir ou se desdizer, não era só a marca da covardia indigna, mas pecado grave contra a lei divina".

A natureza também estabelece um elo e tem a função de restabelecer as forças do homem. Através das narrativas podemos ver isso muito marcado no cotidiano das sociedades africanas, e ela está sempre presente na transmissão de conhecimentos para estas sociedades. Podemos observar esta situação quando

estas sociedades se identificam e se comparam com animais para mostrar sua força e sabedoria, ou ainda nas árvores de baobá que sempre são citadas em momentos que querem restabelecer ou buscar forças da natureza.

Para estas sociedades, as crenças, assim como a religião, são muito marcantes mesmo tendo uma influência islâmica, as narrativas mostram que os povos do Mali convivem no mesmo cenário sem descartar suas crenças, tradições, sua cultura, uma respeitando a outra.

Mesmo que as narrativas tenham tantos assuntos em comum, ambas têm estilos diferentes, por se tratar uma de uma autobiografia que descreve a experiência do autor Amadou Hampâté Bâ com a própria oralidade no cotidiano das diversas sociedades africanas que conviveu. Já Djbril Tamsir Niane transcreve em forma de um livro o relato de um *griot* que conta uma história épica que serve para contar também a história dos povos africanos daquela região

Portanto, as narrativas trazem então um ponto importante neste trabalho: A importância da oralidade, da palavra ser uma fonte legitima para contar a história dos povos africanos. Estas narrativas trazem esta abordagem através dos *griots*, dos domas tradicionalistas e suas ramificações. O presente trabalho irá abordar estas funções tão importantes que foram citadas nas narrativas, para se compreender a relevância desta fonte histórica oral africana.

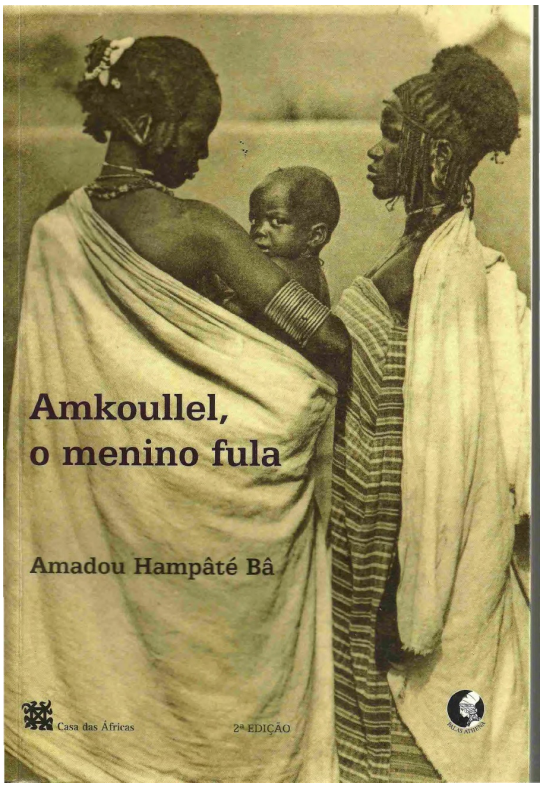

Figura 1 -Capa da obra: Amkoullel, menino fula.(HAMPÂTÉ BÂ,2013)

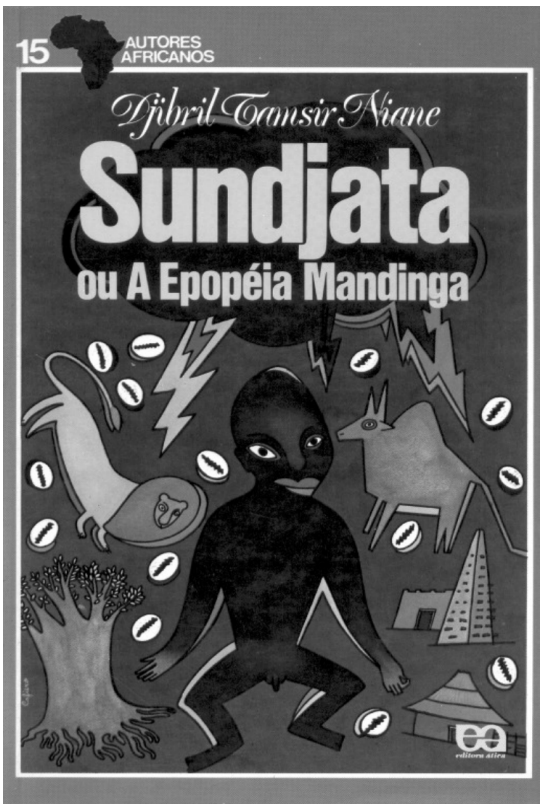

Figura 2- Capa da obra Sundiata ou Epopéia Mandinga (DJIBRIL TAMSIR NIANE,1982).

2.1 A importância da oralidade nas sociedades africanas

Em uma sociedade onde existe a tradição oral, a Palavra ocupa um lugar de grande importância porque serve de veículo para se comunicar, se expressar, aprender e resgatar ensinamentos de seus ancestrais. Nestas sociedades a transmissão verbal dos conhecimentos se dá por meio principalmente dos mais velhos das comunidades, pois eles trazem as experiências para os mais jovens.

Entre os pesquisadores sobre este assunto, há uma grande preocupação quanto a passar de forma correta as histórias e tradições e a cultura africana da forma mais fiel possível. Um pesquisador que se destaca é Amadou Hampâté Bâ, que traz para este trabalho acadêmico através de sua obra *Amkoulleu,o menino fula*, onde em vários momentos de sua narrativa mostrou a importância da oralidade sendo utilizada em ensinamentos , ao lembrar de seus antepassados, nas reflexões , tornando assim a oralidade uma forma legítima de reconstrução da história dessas sociedades africanas.

De acordo com o autor Robert Darnton (1990, p.140), define tradição oral como sendo: "(...)testemunho transmitido oralmente de uma geração para a outra. Suas características particulares são o verbalismo e sua maneira de transmissão na qual se difere das fontes escritas".

Diante desta definição, o documento oral tem uma característica que podemos dizer *volátil,* mas não na forma de inconstância e sim na maneira de ser transmitida, uma vez que ela pode ser contada de diversos modos preservando sua essência e agregado de características de quem a conta.

Hampâté Bâ (2010,p.167), sobre tradição oral cita em seu texto que para conhecermos realmente esta tradição, segundo ele "[...] só terá validade a menos que se apoie na herança de acontecimentos de toda a espécie, pacientemente transmitido de boca a ouvido, de mestre a discípulo ao longo dos séculos."

Sendo assim o valor da Palavra dita nestas sociedades é de muita importância porque está relacionada com o valor do homem e sua honra, respeitando suas origens e suas tradições, assim Hampâté Bâ (2010, p.168) escreve "[...]o homem está ligado a palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra".

A tradição oral então envolve um todo para estas sociedades africanas, elas trazem uma bagagem cultural que abrange toda a sua origem, todo o conhecimento. Ela vai muito além, traz consigo o cotidiano desses povos que envolve o presente e o passado em um mesmo espaço de tempo.

Hampâté Bâ (2010, p.169) cita: "Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação a arte, divertimento e recreação [...]". A Palavra para estas sociedades orais tem um poder sagrado, está relacionado com todas as coisas do universo. De acordo com a história das comunidades africanas, segundo Hampâté Bâ (2010, p.171) "o homem recebeu do poder criador divino, o dom da mente e da Palavra [...]."

Nestas tradições quando ditas em forma de saber, elas são expressadas por meio de uma técnica que nestas comunidades com tradições orais se utilizam. Local, ritmo, momento, todo um preâmbulo para que estes ensinamentos e experiências sejam passados como um encontro com seus ancestrais.

A Fala para estas sociedades orais é considerada como um poder divino, mágico, ela é a materialização da força interior, ela expressa ritmo e movimento, estas comunidades comparam –na com o ofício do tecelão que tecem com seus pés no tear os tecidos, com movimentos cadenciados. Assim, Hampâté Bâ (2010, p.173) explica ao falar do oficio de contar as histórias de seu povo, ele define também que "a tradição está relacionada com a Palavra", sendo assim segundo Hampâté Bâ (2010, p.173), "[...] a tradição, pois confere a Kuma, a Palavra, não só um poder criador, mas também a dupla função de conservar e destruir. Por essa razão a fala por excelência, é o grande agente ativo da magia africana"

Hampâté Bâ cita de forma a esclarecer a fala destas comunidades tradicionalistas:

> A tradição africana, a fala, que tira do sagrado o seu poder criador e operativo, encontra-se em relação direta com a conservação ou ruptura da harmonia no homem e no mundo que o cerca. Por esse motivo a maior parte das sociedades, considera a mentira uma verdadeira

> lepra moral. Na África tradicional, aquele que falta com a palavra mata sua pessoa civil, religiosa e oculta. Ele si separa de si mesmo e da sociedade, seria preferível que morresse, tanto para si próprio, como para os seus. (Hampâté Bâ 2010, p.174)

Dentro destas comunidades orais, existem hierarquias para passar esses conhecimentos, existem pessoas específicas que são preparadas desde cedo para este oficio. Tradicionalistas ou Domas são os responsáveis por passar ou iniciar outros Conhecedores do oficio da Palavra.

Estes Tradicionalistas podem ser encontrados em várias regiões da savana africana, onde passaram as duas narrativas literárias que foram sugeridas neste trabalho acadêmico. Hampâté Bâ (2010, p.175), em seu texto, cita sobre estas especificações: "Assim existem os Domas que conhecem a ciência dos ferreiros, dos pastores, dos tecelões, assim como das grandes escolas de iniciação da savana- por exemplo, no Mali, o komo, o Kore, o Nama, o Do, o Diarrawara, a Nya, o Nyaworole, etc."

Os Domas tradicionalistas possuem características segundo Hampâté Bâ (2010), diferenciadas, pois conseguem guardar muitos fatos importantes para narrar as histórias de seu povo em sua memória, arquivam ao longo do tempo o que foi transmitido pela tradição de seus ancestrais e ainda absorvem fatos que estão acontecendo, ou seja, o presente também é história para guardar.

Eles têm como princípio a honra e a verdade e o não cumprimento o impede de exercer a sua função. Os Domas tradicionalistas seguem, segundo Hampâté Bâ (2010, p.177), "um conjunto de condições e rituais necessárias a realização desse ato sagrado, sendo a principal, estar ele próprio em harmonia antes de manipular as forças da vida." Mentir ou desdizer, para estes tradicionalistas, é um ato de exclusão dentro destas sociedades orais.

Os Domas Tradicionalistas são muito respeitados na África, por terem uma vida de grande disciplina interior pelo seu oficio, por também se comprometerem com a verdade e serem equilibrados emocionalmente e passam esse equilíbrio para todos que estão a sua volta. Eles ainda, ao darem o testemunho, contar sobre seus conhecimentos, cumprem um ritual de convidarem seus antepassados espirituais da sua própria cadeia de Doma a participarem da cerimonia para que não ocorra nenhum equivoco com a verdade.

Eles seguem um princípio de ensinamento que seria como uma fonte, uma referência, para dar legitimidade aos seus conhecimentos tradicionais.

> Esta noção de '*respeito pela cadeia'*, ou de '*respeito pela transmissão'*, determina, em geral, no africano não aculturado, a tendência relatar uma história reproduzindo da mesma forma em que a ouviu, ajudada pela memória prodigiosa dos iletrados. Se alguém o contradiz, ele simplesmente o responderá: Fulano me ensinou assim! Sempre citando a fonte. (Hampâté Bâ 2010, p.181)

Pode-se compreender que nas sociedades com tradições orais, os domas –tradicionalistas tem no seu cotidiano, viajar para ampliar seus conhecimentos pois compartilha com outros de saberes da sua cultura, ampliando assim a percepção da história dos povos africanos.

> Pode-se dizer que o homem que se tornou tradicionalista –doma, foi um pesquisador e um indagador durante toda vida e jamais deixar de sê-lo. O africano da savana costuma viajar muito. O resultado era a troca e circulação de conhecimentos. É por isso que a memória coletiva, na África, se limita raramente a um território, está ligada a linha de famílias ou a grupos étnicos que migram pelo continente. (Hampâté Bâ,2010 p.202)

Hampâté Bâ (2010, p.200) "[...]fala que qualquer um pode ser um tradicionalista-doma, segundo ele 'o conhecimento não distingue raça nem 'porta paterna' [clã]. Ele enobrece o homem". Então este conhecimento poderia ser adquirido ao longo da vida, e sempre renovado. Após os tradicionalistas-domas passarem pela iniciação com seus pais, nas reuniões noturnas com outras crianças, elas a partir dos sete anos eram inseridas na sociedade de iniciação, passando assim, a receber todos os ensinamentos que eram de seu povo, e da vida.

Estes ensinamentos eram passados pelos mais velhos e de acordo com Hampâté Bâ (2010, p.201), "Quando um velho conta uma história iniciatória, desenvolve-se o simbolismo de acordo com a natureza e a capacidade de compreensão de seu auditório". Desse modo, os ensinamentos são assimilados pelos iniciados

conforme sua compreensão. Nestas reuniões eram abordados todos os assuntos importantes para estes aprendizes.

> O mesmo ocorre com os relatos históricos que dão vida as reuniões, narrativas em que os grandes feitos dos antepassados, ou dos heróis do país, são evocados nos mínimos detalhes. Um estranho de passagem contará histórias de terras distantes. A criança estará imersa em um ambiente cultural particular, do qual se empreguinará segundo a capacidade de sua memória. Seus dias são marcados por histórias, contos fabulas, provérbios, e máximas. (Hampâté Bâ 2010, p. 201)

Pode-se observar nesta sociedade que suas narrativas independentes do transmissor, ou doma ou *griot*, são ricas e conseguem trazer para os estudos de pesquisas as histórias, culturas, organizações políticas, e sociais, longínquas, das civilizações mais antigas e também todo o seus mistérios. Barry (2000), afirma sobre o povo da região do mandinga, "Suas narrativas míticas ensinam sobre a origem das coisas."

Em uma sociedade oral, este caráter místico e sagrado anda junto e os detentores da palavra conseguem tratar disso muito bem, através dos cantos, as orações, e cerimônias que acontecem nas sociedades. De uma forma peculiar o conhecimento e o saber são passados para seu povo.

> Mas esse saber tem um caráter sagrado e em consequência, sua transmissão tem sempre um lado secreto, que o contador está encarregado de guardar. Há sempre uma maneira de dizer as coisas, cada palavra tem um sentido, uma outra significação (BARRY,2000, p.8).

Além dos tradicionalistas, temos os *griots*, estes narradores orais não têm tanto compromisso em ser fiel aos fatos, estão ligados a arte e ao entretenimento. Eles pertencem a cadeia dos *Dielli*, nesta categoria de narradores orais, a verdade não tem tanto peso, eles contam os fatos de maneira que agrade a quem o está ouvindo.

Os *griots* estão ligados a animação pública, se dividem segundo Hampâté Bâ (2010, p.194), em categorias que passam pelos que são responsáveis pelas músicas e canções tradicionais que tocam, são também responsáveis por mediações e estão sempre ligados a família de nobres, e os genealogistas que de acordo com Hampâté Bâ (2010, p.194) "historiadores e poetas, que em geral são grandes contadores de histórias e grandes viajantes."

Eles ainda têm uma liberdade de usar a fala, usando sua criatividade e não necessariamente a verdade. Podemos ver isso quando Hampâté Bâ (2010, p.194) cita: "Não tem compromisso que obrigue a ser discreto ou a guardar respeito absoluto para com a verdade. Podem as vezes contar mentiras descaradas e ninguém os tomará no sentido próprio".

Mesmo não tendo um compromisso com a verdade, seu papel dentro desta sociedade oral não é desmerecido. Em vários momentos do cotidiano destas sociedades o *griot* serve para amenizar e mediar situações que envolvem os nobres destas comunidades. Hampâté Bâ (2010, p.195) explica de forma clara esta situação:

> Uma vez que a sociedade africana está fundamentalmente baseada no diálogo entre os indivíduos e na comunicação entre comunidades ou grupos étnicos, os griots são os agentes ativos e naturais nessas conversações. Autorizados a ter *duas línguas* na boca, se necessário podem se desdizer sem que causem ressentimentos. Isso jamais será possível para um nobre, a que não se permitem voltar atrás com a palavra ou mudar de decisão.

Os *griots* têm uma efetiva participação nestas sociedades, não só em festas mas também em conflitos ao longo de toda a história dos antepassados dos nobres a quem se dedicaram. De acordo com Hampâté Bâ (2010, p.196), alguns *griots* genealogistas que detinham o conhecimento das histórias familiares dos nobres recebiam tratamento diferenciado, cheios de presentes e regalias, e estes *griots* faziam bom uso dessas informações para benefício próprio. Segundo Hampâté Bâ (2010, p.198) "Um *griot* pode tornar-se um tradicionalista se este tiver vocação para isso, e passar pelas etapas iniciatórias menos a do Komo pois a verdade não lhe é tão importante.

Um jovem quando entra para a aprendizagem, ou melhor a iniciação, ele depois de ter passado por fases, irá viajar pelas cidades com o propósito de conhecer outras histórias de seu povo. Nestas viagens o jovem aprendiz para ser um *griot* adquire conhecimento com os mais velhos que passam seus saberes de acordo com o empenho de cada iniciante. Um *griot* não tem necessariamente que ser um viajante como os domas tradicionalistas, para esta categoria oral, saber a história da família que ele está vinculado já lhe supre a função.

Temos ainda os genealogistas que cumprem a função nesta sociedade oral de saber as ramificações dos grupos étnicos e onde se passou sua história, utiliza-se também de viagens e do seu talento em memorizar para fazer o seu discurso oral. Hampâté Bâ (2010, p.203) afirma a importância do genealogista em sua obra:

"De modo geral, todo velho na África é sempre um conhecedor em algum assunto histórico ou tradicional. O conhecimento genealógico não é portanto, exclusividade dos *griots* e gaolo mas são eles os únicos especialistas em declamar genealogias perante os nobres para obter presentes."

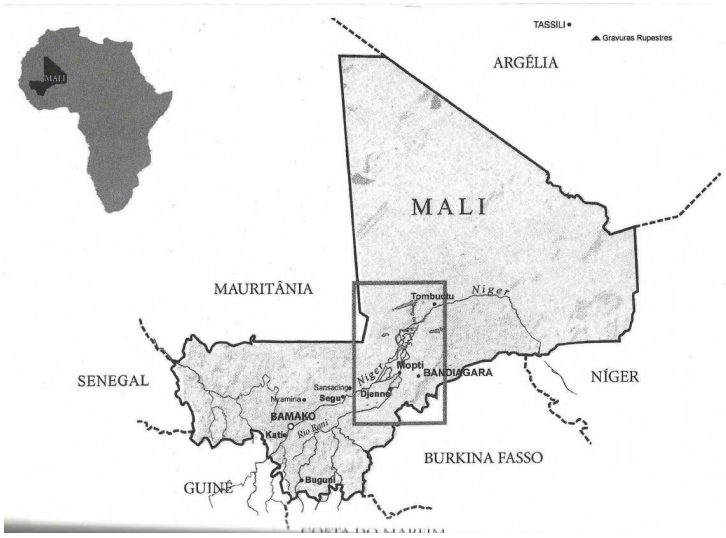

Figura 1 -Mapa da região do Mali e da Guiné.

3. A ORALIDADE E ESCRITA NAS SOCIEDADES AFRICANAS

Ao realizar este trabalho acadêmico sobre oralidade, observa-se que este tema que parece ser simplório mas é de fato de grande complexidade Ao observar a evolução humana antes da escrita, o homem transmitia suas mensagens, suas tradições e sua cultura através da fala.

Este mecanismo humano de comunicação possibilitou que fossem contadas de um para outro toda a história e experiências de um povo. A oralidade desperta a memória dos humanos, onde se resgata os saberes, as conquistas dos povos passados para aqueles que estão começando, as novas gerações. As sociedades africanas da região do Mali que estão sendo abordadas neste trabalho utilizam-se desta oralidade como parte importante e como documento histórico para resgatar e preservar sua história.

O autor Joseph Ki-Zerbo faz uma referência sobre o papel da oralidade para os povos africanos quanto a sua importância:

> [...] a tradição oral aparece como repositório e vetor do capital de criações socioculturais acumulado pelos povos considerados não possuidores de escrita. Verdadeiro museu vivo, a palavra histórica é um fio de Ariadne bastante frágil para o percurso dos obscuros corredores do labirinto do tempo. Os detentores das palavras são os anciãos. (KI-ZERBO,1917, p.8)

Percebe-se então que os discursos orais são fontes para estudar as práticas locais, as relações sociais, culturais e econômicas de cada povo. Para as sociedades africanas, o elo que se forma entre a palavra e o homem é muito forte.

No entanto, no meio acadêmico a fonte histórica oral é muito discutida se seria uma fonte confiável e legítima como forma de documentos para pesquisas. Joseph Ki-Zerbo (1979, p.69) afirma que "[...] a tradição oral não é uma fonte á qual nos resignamos na falta de qualquer outra. É uma fonte integral e á parte, cuja metodologia está suficientemente bem estruturada para conferir á história do continente africano uma forte originalidade." O autor defende a legitimidade da oralidade ao se tratar sim como um documento histórico.

O meio cientifico, de certa forma, não considerava a história oral como um meio confiável de consulta. Mas as sociedades africanas, mesmo com a introdução da escrita que veio sob a influência do islamismo atingindo segundo Hampâté Bâ (2010 p.204), grande parte dos países da savana ou do antigo Bafur, não deixaram a oralidade de lado, e sim conseguiram agregar os dois conhecimentos.

Hampâté Bâ (2010, p.204) reforça isto ao dizer: "De fato por onde se espalhou, o Islã não adaptou a tradição africana quando- como normalmente ocorria- esta não violava seus princípios fundamentais. A simbiose assim originada foi tão grande, que por vezes torna-se difícil distinguir o que pertence a uma ou a outra."

Desse modo, pode-se observar que o discurso oral nestas sociedades não deve ser desconsiderado e muitos pesquisadores concordaram e defenderam esta ideia. Boubacar Barry (2000, p.5) foi um autor que defendeu esta ideia. Ele propôs um meio para construir cientificamente, segundo ele, um discurso para avaliar esta pluralidade de informações.

Para Barry (2000, p.12), a utilização da história oral como pesquisa histórica está relacionado com as transformações dos povos, segundo o autor "[...] a história de vida apareceu como instrumento privilegiado para avaliar os momentos, de mudanças, os momentos de transformação." O autor ressalta que o meio cientifico tem uma necessidade de manusear os documentos, as provas, algo palpável, este argumenta que a comunidade cientifica, tem que discernir sobre o que se escreve e sobre o que se pesquisa.

O meio cientifico também contesta sobre as informações que se perdem, se modificam por vários motivos na narrativa oral, mas a escrita também pode sofrer influencias de quem a escreve.

Barry (2000 p.09), frisa sobre esta subjetividade que "Em primeiro lugar, até as mais subjetivas das fontes, tais como uma história da vida individual, podem sofrer uma crítica, por cruzamento de informações obtidas a partir de fontes diferentes."

Depois de um grande período e discussões no meio cientifico sobre a utilização da tradição oral como uma fonte legitima de pesquisas, aparecem autores como Joseph Ki-Zerbo(1991)que começam a defender neste meio acadêmico a importância de considerar a tradição oral africana como um documento, pois segundo Ki-Zerbo(1991) o que "deve-se prestar a atenção em determinar que método adotar para diagnosticar as tradições e selecionar com toda segurança aquilo que é digno de servir como fonte para a história." Isto ao se tratar das tradições orais.

Definindo um método seguro de coleta desses acontecimentos históricos orais, os historiadores começam a ver a oralidade africana como uma fonte histórica de pesquisa e uma narrativa coletiva importante, sendo legitima para representar as sociedades africanas daquela região do Mali.

Depois desse período de desencontro entre os historiadores, aconteceu um novo florescer das tradições orais, com um novo corpo que irão reacender esta necessidade da tradição oral, Barry (2000),afirma assim em seu texto "[...] a redescoberta das tradições orais virá principalmente da segunda geração de historiadores [...]".O marco dessa nova fase vai ser a narrativa que foi proposta para ser apreciada neste trabalho,*Sundjata ou epopeia mandinga*, do autor Djibril Tamsir Niane em 1960, Barry(2000). Niane irá abordar a importância da oralidade e da memória coletiva para contar a história da África.

> Niane é o primeiro historiador profissional a reabilitar com brilho o griô como depositário tradicional do passado. Para ele, o griô detém a Cadeira da história mesmo quando preso ao segredo que explica sua maestria na arte da perífrase. (BARRY 2000, p.24)

A partir daí as tradições orais voltam a participar e a ter peso como uma fonte histórica de pesquisa tanto quanto a escrita. Surgindo então um outro método para se escrever a história da sociedade africana, onde a escrita e a oralidade passam a trabalhar juntas. Barry (2000), afirma isso ao falar "Em toda a parte, na Senêgambia em outros lugares da África, nasce a metodologia de coleta, transcrição e interpretação das tradições orais"

Vários historiadores se empenharam para que isso difundisse e se firmasse na África, entre eles estão Djibril Tamsir Niani, autor de *Sundjata, epopéia mandinga*, Babacar Barry, que serviram de inspiração e fonte de pesquisa para este trabalho.

Este avanço para recolher estes dados são de grande importância, pois a partir deles seriam realizados estudos que iriam completar informações sobre a história africana desconhecida mundialmente.

> Do ponto de vista metodológico, as tradições orais são consideradas acima de tudo, como documento de outra natureza, que são recolhidos para completar os documentos escritos de origem europeia, principalmente. Os Historiadores utilizam com esse fim os arquivos, que foram objetos de pesquisa sistemática nos diferentes depósitos da África e Europa, e que revelaram a existência de importante documentação. (BARRY,2000, p.26)

Com o surgimento desse sentimento nacionalista, surge também um discurso político de ideologias, que defendem heranças coloniais e conquistas de novas fronteiras que irão se formar em novos Estados. Barry (2000, p.27), pode afirmar sobre isso: "O Estado-nação encerra a história numa camisa de força dupla de unanimidade e silêncio que detém e disfarça diferenças e contradições na competição pelo acesso ao poder e riquezas do Estado-nação."

A oralidade então segue um outro caminho dentro da sociedade africana, voltado para um discurso político de poder, onde toma-se partido de certos grupos utilizando heróis e mitos da memória coletiva do povo africano.

> Focaliza-se tudo o que pode consolidar a coesão do movimento e o respeito ela hierarquia mouríde ou tdjane, ligando a ação dos sucessores á dos pais fundadores –modelo perfeito- cuja a vida e façanhas parecem em muitos aspectos as dos heróis lendários Sundjata ou nydiadyan Ndiaye. (BARRY 2000, pag.28)

A oralidade então entra novamente no gosto dos africanos da modernidade, pelos meios de comunicação, pelas pessoas, através também da literatura abarcando toda a população. Barry (2000, p.28) coloca que "Os historiadores profissionais tentam na linguagem colorida das tradições orais colocar ao alcance da maioria da população a nova história escrita a partir da combinação de documentos e narrativas orais[...]" Mesmo com estas conquistas sobre o conhecimento e reconhecimento da oralidade como uma fonte de pesquisa o autor em seu texto ainda encontra problemas pois ainda as fontes orais são válidas para completar os documentos escritos. Critica ainda que tanto a oralidade quanto a escrita deveriam ter um mesmo tratamento crítico.

O outro problema que aponta é a ausência de memória sobre o tráfego negreiro na história africana principalmente na Senegâmbia. Barry (2000, p.30), conta que, "Com efeito, o silencio mais pesado recai sobre a participação dos africanos no tráfego negreiro, que durou séculos e teve um impacto duradouro sobre as sociedades seneganbianas". Barry (2000, p.30), fala que estes dados, "Foi reconstituído essencialmente a partir dos arquivos e das relações dos viajantes europeus".

Ainda atenta que este fato pode ser devido ao sofrimento da escravidão nas Américas e a África ser o momento da lembrança e sonho da liberdade: "O fato das vítimas terem sido deportadas para o outro lado do Atlântico, talvez explique que a memória de seus sofrimentos tenha sido conservada antes nas Américas, com o objetivo bastante preciso de lutar contra a escravatura." (BARRY, 2000, p.30)

Existe ainda o problema de buscar as tradições orais em momentos de crises e conflitos, e estas acontecem na comunidade e no cotidiano do povo, onde os historiadores ainda não chegam ou ignoram, buscando um viés mais cômodo, longe da zona de debate.

> Em todos os níveis se apela para as tradições orais, com o fim de exprimir reivindicações num contexto nacional de crise. É o momento em que o historiadores se calam ou se voltam

> para a história presente, com vista a participar do crescente debate político nos jornais particulares e numerosos partidos de oposição que foram reconhecidos pelo poder. (BARRY, 2000, p.32).

O autor Barry (2000, p.33) expressa uma grande preocupação em que o recolhimento e uma abordagem mais plural em outras disciplinas que vá além da história para melhorar a aceitação das tradições orais, para ele as tradições orais continuam sendo produzidas através de seus discursos do cotidiano presente. Há uma crítica em sua obra *Senegâmbia: o desafio da Historia Regional* quanto "A sociedade com diversas velocidades onde três categorias de elite compartilham um campo histórico ".

Esta preocupação está relacionada com o envolvimento da política no discurso oral político, porque ele sofre uma influência da elite que está no poder, causando assim um atrito de opiniões autor fala sobre este aspecto quando cita: "Essa crise se acentua em particular pelo fato que a elite política que governa vive fora de sua história e privilegia o modelo colonial" (BARRY, 2000, p.34).

Estas elites de historiadores são formados por escola francesas, escolas pró-árabes e elites tradicionalistas severas que vivem em conflito constante. Barry cita isso como um grande problema: "A junção desses três saberes ainda não se deu, é isto que em parte explica a crise do estado pós colonial que querem por uma identidade histórica comum num contexto de sociedades plurais, que vivem sua história a longo prazo" (BARRY, 2000, p.34).

Finalizando então com a preocupação do autor em tornar a tradição oral como uma fonte legítima e histórica de pesquisa que traga para todos a história das sociedades africanas da regiões do Mali e da Guiné "[...]trazendo todo seu discurso em toda a sua dimensão espacial, social e cronológica" (BARRY 2000, p.34).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao realizar este trabalho, além de pesquisar sobre a importância da oralidade ser considerada como uma fonte histórica, e o caminho que ela percorreu para isso, aprendi muito sobre a cultura e o cotidiano das tradições africanas. Conhecer mais sobre a cultura africana através destas duas narrativas tão distintas e ao mesmo tempo tão iguais *Amkoulle*l e *Sundjata*, que trouxeram a África para fora dos livros, ou vice versa. Isso só faz reforçar a importância da oralidade e a escrita serem consideradas com o mesmo peso de legitimidade. Os registros das conquistas e os hábitos populares são consequências de toda a história de um povo.

Como contadora de histórias, este trabalho, só me fez enriquecer e respeitar ainda mais o cotidiano, a cultura e o saber de uma comunidade. É saber, que sim, são das práticas que surgem a nossa história, a história do povo. Temos então uma imensa responsabilidade com o saber, com o conhecimento, e os princípios para passar para os outros o que sabemos da nossa História.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRY, Boubacar. Reflexões sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia. **Senegâmia : O desafio da História Regional** . Amsterdan / Rio de Janeiro: SEPHIS/CEAA, 2000.

DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette** .São Paulo : Companhia das Letras, 1990.

HAMPÂTÉ BÂ, Amandou. **Amkoullel, o menino fula.** São Paulo: Palas Athena: Acervo África, 2013.

HAMPÂTÉ BÂ, Amadou. Tradição Viva. **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África.** Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, cap.8.

VANSINA, Jan. Tradição Viva. **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África.** Vol. I. Brasília: Unesco, 2010, cap.7.

KI-ZERBO, Joseph. As tarefas da história na África. **História da África Negra**. Vol. I. Lisboa: Europa-América, 1991.

KI-ZERBO, Joseph. **Um continente descobre seu passado**. O conselho da Unesco. Rio de Janeiro, a-7, n. 10/11, 1917.

NIANE, Djibril Tamsir. **Sunjiata, ou a epopéia mandinga: romance**. São Paulo: Ática, 1982.